



UM JOGO DE RELAÇÕES: OS DEPENDENTES NA OBRA *AS VISITAS* DO DR. VALDEZ

Luis Fernando Tosta Barbato*

Vinícius Nunes Veiga*

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo tratar das relações de dependência na obra *As Visitas do Dr. Valdez*, do escritor português, radicado em Moçambique, João Paulo Borges Coelho. Através da análise dessa obra, evidenciaremos o quão arraigadas estavam as relações de dependência dentro da sociedade moçambicana, relacionando tal prática ao seu passado colonial. Também se abre como perspectiva de análise os desafios de um país que saía de um passado colonial, marcado pela dependência em relação a Portugal, e se projetava como um país livre, em busca de sua própria identidade.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana; História Cultural; Relações Sociais.

ABSTRACT: This article aims to work the dependency relationships in the work of *As Visitas do Dr. Valdez*, of the Portuguese writer, based in Mozambique, João Paulo Borges Coelho. Through the analysis of this work will highlight how were rooted dependency relationships within the Mozambican society, relating the practice to its colonial past. Also opens as analytical perspective the challenges of a country coming out of a colonial past, marked by dependence on Portugal, and projected as a free country, in search of his own identity.

Keywords: Mozambican Literature; Cultural History, Social Relationships.

Introduzindo: Dependentes e DEPENDENTES.

João Paulo Borges Coelho, em seu, *As Visitas do Dr. Valdez*, nos traz um Moçambique em transição, ainda uma futura pátria, como nos traz Sheila Khan, que luta para se separar de seu passado colonial lusitano, e ingressar no mundo agora como nação independente (KHAN, 2008, p.137).

Há muitos temas que poderiam orientar este trabalho. Poderíamos, por exemplo, discutir a questão do tempo ou o movimento de independência moçambicano. No entanto, escolhemos um assunto que engloba estes dois e que consideramos ser a espinha dorsal do romance de João Paulo Borges Coelho: a relação de dependência entre os personagens.

* Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas.

* Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Campinas.

As relações de dependência percorrem todo o texto e estão presentes em todas as classes sociais. Quando afirmamos que a relação entre os dependentes é o cerne do romance é porque mesmo quando o autor brinca com o tempo, indo e vindo nos anos que fluem desconexos, as relações entre os dependentes fica evidente. Quando o assunto é a independência tentaremos mostrar como a mudança política muda também o pensamento dos dependentes.

Mas, o que entendemos por dependentes? Apesar de abordarmos aqui principalmente os dependentes negros e criados, entendemos por dependentes qualquer um que dependa, de uma forma ou de outra, de alguém. Neste caso não se excluem nenhum personagem do romance de João Paulo Borges Coelho.

Os exemplos são claros e evidentes. No âmbito da criadagem, temos Cosme Paulino e Vicente, pai e filho que dependem de seus empregos como criados para sobreviverem, agüentam de tudo por este emprego inclusive castigos físicos. Mas no “núcleo branco” do romance também temos uma forte relação de dependência, que envolve tanto brancos com brancos como brancos com negros. O exemplo mais claro do primeiro caso é a relação entre Sá Amélia e Sá Caetana, no qual sem esta aquela não vive; como exemplo do segundo caso não se pode negar que as duas senhoras dependem tanto de Vicente como de Cosme Paulino. Assim, a dependência é generalizada em *As visitas do Dr. Valdez*.

O leitor atento deve ter notado que no título desta nossa introdução escrevemos dependentes e DEPENDENTES, cabe lembrar que a diferença no tamanho da letra não é erro de digitação. João Paulo Borges Coelho tece um cenário em que as relações de dependência são múltiplas, e nesse cenário encontramos personagens totalmente dependentes e outros menos dependentes. Essa oposição será melhor demonstrada durante o decorrer do trabalho, tentaremos provar que Cosme Paulino é um DEPENDENTE e seu filho Vicente um dependente, e o que muda esta concepção são os acontecimentos de 1974/75.

No entanto, um trabalho que analisasse todas as relações existentes entre os personagens do romance teria uma dimensão enorme, e não é esse o nosso objetivo. Um trabalho como este requer um recorte específico, e como dissemos acima, escolhemos como tema principal a relação entre os dependentes negros e brancos.

Na primeira parte do trabalho, resolvemos mostrar como a servidão é um caráter hereditário na sociedade moçambicana do período. Tentaremos mostrar como um filho de criado estava fadado a seguir a carreira do pai, que muitas vezes se orgulhava do fato.



Em seguida apresentaremos a principal relação de dependência do romance, a relação entre patroa e empregado, nas figuras de Sá Caetana e Vicente. Mais do que uma relação profissional, nosso objetivo é mostrar que há uma relação fraternal imensa entre os dois.

Na terceira parte entraremos na questão dos movimentos de independência, tentando mostrar que Vicente jamais poderia ser igual a Cosme Paulino, porque eles representam momentos distintos da história de Moçambique. João Paulo Borges Coelho é genial nesta questão porque a oposição entre a personalidade de pai e do filho é extrema, tanto quanto é extrema a relação entre colônia e independência.

Na nossa conclusão nos remeteremos a um autor brasileiro para tentar construir um paralelo que talvez nos dê uma pista para entender a relação de dependência em *As Visitas do Dr. Valdez*. Na conclusão, Cosme Paulino é nosso ator principal. Buscaremos em Machado de Assis, pistas para entender a personalidade de Cosme, naquilo que Machado chamou de “orgulho da servilidade”.

A maioria das reflexões deste trabalho foi feita por nós mesmos, por isso o leitor não se assuste com a ausência de um número grande de notas de referência. Analisar um romance nos dá esta liberdade, tentar ler nas entrelinhas o que o autor quis dizer. Como dissemos, as reflexões aqui são nossas, buscaremos comprava-las com passagens do próprio texto. Se as reflexões são nossas os erros e acertos também.

1. A SERVIDÃO como caráter hereditário da sociedade.

Vicente é criado de Sá Amélia e de Sá Caetana, assim como seu pai, Cosme Paulino, era criado de Ana Bessa, mãe de Amélia e Caetana, e seu avô fora criado do pai de Ana Bessa. Três gerações de criados servindo três gerações de patrões, em uma relação de dependência de muitos anos.

Se fossemos geneticistas diríamos que a servidão é na sociedade moçambicana da primeira metade do século XX um caráter hereditário, que passa de pai para filho ligado a algum dos muitos cromossomos existentes no ser humano, estaria resolvido o problema da servidão. No entanto, somos historiadores e nossa explicação é bem diferente desta.

É impossível negar que a servidão passa de pai para filho, João Paulo Borges Coelho deixa isso claro em seu romance: “[Cosme Paulino] Aprendera com o seu pai a ser assim e aquele com o avô marinho, criado de traficante. O mesmo ensinara a Vicente para que este ensinasse aos filhos que viesse a ter” (COELHO, 2004, p. 96). Mas o sentido desta imposição é totalmente



cultural, é o orgulho para o pai ver o filho servindo como ele serve. Nos parece que como a maioria dos pais que quer ver o filho seguindo a sua profissão, isso acontece aqui também.

É importante salientar também que não há grandes possibilidades aos negros no Moçambique colonial, na verdade o que acontece durante a ocupação da região no período é uma marginalização total do negro. O que nos parece ao ler o romance é que ser criado é até uma profissão de considerável prestígio na sociedade.

Vicente carrega em sua bagagem para Beria uma ordem que obedeceria até que não fosse mais possível. “Servirás as senhoras como eu as serviria, ouviste?” (COELHO, 2004, p.170), essa frase é dita por Cosme Paulino no momento em que Vicente é designado para acompanhar Amélia e Caetana na fuga do Mucojo para Beria, Vicente iria obedecê-la até o momento da separação nas últimas páginas do romance.

Na verdade, esta ordem é quase um fantasma na vida do garoto. Em determinada parte do texto, João Paulo Borges Coelho nos conta o episódio em que Sá Amélia dá um bônus salarial a Vicente pela representação de Dr. Valdez. Vicente em um primeiro momento recusa o dinheiro, mas Sá Amélia insiste. “- Recusas, rapaz? Como te atreves? (...) – Que diria o teu pai se fosse vivo?” (COELHO, 2004, p.174). Vicente se sente desconfortável com aquela afirmação, estava descumprindo a ordem de seu velho pai, rompendo a hierarquia, “Se desobedeceres à Senhora Grande serei eu a desobedecer-lhe, entendes?” (COELHO, 2004, p.134) dizia o velho Cosme no momento da despedida do Mucojo. Vicente volta atrás rapidamente e resolve aceitar o dinheiro extra.

O que envolve este episódio é que a hierarquia deve ser respeitada, Sá Caetana como a Senhora Grande dando esta generosidade mostra como é ela que manda e ele que obedece e nunca o contrário. Em uma passagem fica evidente como as ordens do pai valem para sempre, mesmo quando este já havia falecido. Após o incidente envolvendo o dinheiro do Dr. Valdez e Vicente ter finalmente aceitado o bônus, o jovem reflete:

Obrigado, patroa. Obrigado pela tua generosidade. Obrigado por me fazeres ver como se regressa ao caminho do respeito e da segurança, sempre que parece que me vou perder. Obrigado, porque a tua reconciliação comigo é a minha reconciliação com a memória de meu pai (COELHO, 2004, p.135).

Quando afirmamos que a ordem de servir é quase um fantasma na vida do jovem criado nos baseamos no medo que Vicente tem de ir contra as prerrogativas do pai mesmo com este repousando em seu túmulo do Mucojo. As prerrogativas valem no além túmulo e passam como característica hereditária também. Em episódio interessante do romance, Sá Caetana



oferece uma cerveja a Vicente, fantasiado de Dr. Valdez, este a aceita e quando vai bebê-la “hesita ao escutar a voz do velho Cosme Paulino segredando-lhe de dentro ‘Serve-as como eu as serviria, meu filho’” (COELHO, 2004, p.174). Vicente tem muito mais medo do fantasma do pai do que das patroas.

A morte de Cosme Paulino traz realmente um problema porque faz com que Vicente e Sá Caetana fiquem em uma encruzilhada, afinal, qual é a validade da palavra de um morto? Quando Sá Caetana se prepara para ir embora de Moçambique, Vicente tenta desesperadamente ajudar a Senhora Grande a arrumar a mala:

Como se ele dissesse ‘deixa-me ajudar-te uma última vez, deixa-me fazer como o meu pai me recomendava uma última vez’. E como se ela respondesse ‘Cosme Paulino morreu, já não existe mais para receber ordens minhas nem para te recomendar o que quer que seja (COELHO, 2004, p. 2011).

Como dissemos, para Vicente, a ordem do pai vale eternamente, para Caetana não. Criado e patroa são de universos diferentes e este episódio mostra bem isto.

Por fim, gostaríamos de citar apenas mais uma passagem do romance que prova o que tentamos dizer. Vicente quer mudar de vida, mas a servidão é inerente a sua vida, é neto e filho de criados, é “obrigatoriamente” um criado e o que o prende a esta situação é a palavra de seu pai. “Queria mudar mas não sabia como; queria partir mas eram poderosas as forças que o retinham no mesmo lugar” (COELHO, 2004, p.135).

Resumindo, a servidão é um caráter hereditário ao moçambicano. É claro que o termo “caráter hereditário” é apenas uma metáfora e uma brincadeira com os geneticistas, no entanto o termo nos parece se encaixar perfeitamente a sociedade. A servidão é mesmo como um caráter genético, é como os filhos de uma casal negro que conseqüentemente serão negros e os filhos de um casal branco que sem dúvida serão brancos, a servidão é inevitável, inerente ao moçambicano como a cor da pele.

2. Patroa, dona, MÃE – Quando os opostos se atraem.

“Adeus, mãe” (COELHO, 2004:219), são essas as palavras de Vicente no momento em que Sá Caetana se prepara para pegar o avião e viajar para Portugal fugindo da revolução. Não nos causa estranheza as palavras de Vicente, em todo o romance a relação dos dois é uma relação maior que a de criado e patroa. Como o fio deste trabalho é a relação entre os dependentes, não há dependência maior que a de Caetana e Vicente, e esta dependência transita



nos dois sentidos. Se acima usamos como metáfora a genética, aqui nosso exemplo está na física: quando os opostos se atraem.

Faz-se necessário, antes de entrarmos definitivamente na relação Caetana/Vicente, analisarmos a relação entre Amélia e Vicente. As diferenças de tratamento são imensas e já começam pelo modo de chamá-las, enquanto Vicente chamava Sá Caetana pelo forte termo “Senhora Grande”, provando sua autoridade e firmando a hierarquia, Sá Amélia era chamada de “Patroinha” termo infinitamente mais carinhoso.

Em todo o romance parece que Vicente é mais apegado a patroinha que a Senhora Grande:

É assim esta ligação entre Vicente e Sá Amélia, feita de irritações da segunda e infinitas paciências do primeiro (...) Simplesmente gosta de Sá Amélia, sabe que ela não tem dois pensamentos quando fala ou quando ofende, mas um só, que não precisa de ser explicado ou entendido, que quase sempre cai bem (COELHO, 2004, p.52).

A recíproca é verdadeira, Sá Amélia também demonstra claramente sua simpatia a Vicente, conversando com Vicente, fantasiado de Dr. Valdez, ela afirma: “na verdade tenho que reconhecer que as poucas alegrias que tenho é ele quem mas dá” (COELHO, 2004, p.74).

A relação é diferente e precisa ser relativizada, apesar de Caetana afirmar que Amélia é tão patroa quanto ela a hierarquia não é a mesma, é Caetana que tem que manter Vicente nas rédeas, só ela tem força física suficiente de intimidá-lo, e é óbvio que isso o afasta dela e o aproxima de Sá Amélia.

O próprio episódio das visitas do Dr. Valdez acontecessem porque Vicente quer satisfazer um desejo da patroinha, e esse episódio que parece afastar definitivamente o criado da patroa. Fantasiado de doutor, Vicente passa a usufruir de algumas coisas que não poderia como criado e isso é uma verdadeira ofensa para Caetana.

Uma das principais conquistas do criado/doutor é a possibilidade de assobiar em casa. Usando das artimanhas que possui, Vicente consegue convencer Amélia que assobiar mantém a casa animada e que Caetana deveria permitir que o criado, ou seja ele, assobiasse pela casa. Na verdade, Caetana nunca simpatizou com a idéia da fantasia de Valdez, quando, na primeira visita do doutor, Vicente recusa o açúcar no seu chá as coisas já estavam fadadas a acabar em confusão.

Sá Caetana é patroa e a relação entre ela e Vicente só poderia ser mesmo diferente da relação que este tem com Sá Amélia. É Caetana que cobra Vicente dos deveres do lar, é ela que o



reprime quando este a desobedece, Amélia não tem vida e nem força para tamanha ação. O segundo ponto que gostaríamos de discutir nesta parte do trabalho é a questão da posse.

Não há dúvida do que mais que patroas, as irmãs são donas de Vicente. Dissemos isso baseado no fato de que as palavras de Cosme Paulino tem para Vicente validade eterna, ou seja, o dever de servir é para sempre e não pode ser revogado. As patroas tem o poder de punir, violentamente em alguns casos, o jovem criado, como donas que são.

Ambas “herdaram” da mãe Ana Bessa o criado Vicente, mas a deficiência de Sá Amélia fez com que Sá Caetana assumisse a “herança”. Como dona parte dela as ordens, inclusive as punições, ao jovem criado, o que faz com que ele se aproxime ainda mais de Amélia. (Por mais absurda que pareça esta idéia de herança, a relação de dependência entre os três é tão grande que nos remete mesmo a uma ideia de posse)

Mas o que mais nos importa nesta parte do trabalho é aquela sincera despedida no final do romance. “Adeus mãe” soa tão natural na boca de Vicente, que faz com que ele esqueça que ela é sua patroa e sua dona, ela é sua mãe e isso supera tudo.

Quando defendemos a idéia de que a relação de dependência entre Sá Caetana e Vicente é uma relação de mãe e filho nos baseamos na hipótese de que não há relação de dependência maior que a entre mãe e filho. As brigas entre os dois ao longo do romance são típicas de mãe e filho, briga de quem se preocupa.

O episódio da morte de Cosme Paulino é mais uma vez emblemático. Quando Sá Caetana recebe a carta com a notícia do falecimento de Cosme, imediatamente pensa no criado:

Mas Vicente? Como seria com Vicente? Via-o já de cabeça perdida, enterrada entre as mãos como o fazem sempre os filhos que perdem os pais (...) - Deixa lá, rapaz, haveria de dizer-lhe, pondo-lhe a mão sobre o ombro para o proteger, acalmando-se também própria nesse gesto. - Deixa lá que eu tomo conta de ti. E timidamente ousaria acrescentar - afinal somos ou não somos uma só família (COELHO, 2004, p. 106).

Vicente, como todo filho, defende a mãe. Depois que a independência já era inevitável, os amigos Sabonete e Jeremias, junto com Vicente, fazem planos para o futuro. Jeremias pergunta a Vicente o que ele gostaria de ser, com a resposta vazia do jovem criado, Jeremias o sugere “podes continuar a ser criado das duas velhas mulatas. Mascarado não sei de que, dando banho a patroinha e tudo o mais” (COELHO, 2004:202), isso ofende muito Vicente que o ataca violentamente. Jeremias sugere que o que Vicente faz é pejorativo e humilhante e não é isso que o jovem acha. Primeiro: é criado porque segue as ordens do pai e segundo, é criado das duas



porque vê nelas a sua família. Sá Amélia e sua “ranzinzisse” diária é como uma avó para ele, fazendo sempre as suas vontades, como no caso do assobio. Sá Amélia é como a mãe que ele nunca teve.

É por isso tudo que não nos causa estranheza a frase de Vicente na despedida da Senhora Grande. João Paulo Borges Coelho constrói a relação dos dois de forma brilhante mostrando brigas e discussões, mas um carinho que supera tudo. É claro que é um carinho velado próprio de uma relação de dependência entre pessoas de diferentes classes sociais inseridas em um contexto colonial, mas nem por isso este carinho é pequeno, é nas entrelinhas que ele se manifesta. Quanto as brigas, qual é o filho que não as tem.

3. Cosme Paulino + FRELIMO = Vicente.

Por várias vezes durante o romance, Sá Caetana se queixa de Vicente sempre o comparando a seu pai, Cosme Paulino. Para a Senhora Grande, o jovem criado não se aproxima nem um pouco de seu pai, enquanto Cosme Paulino é o criado ideal, sempre leal e disposto, Vicente, por algumas vezes, se irrita com os deveres da casa, com o mau-humor da patroinha e com as ordens de Sá Caetana.

O que tentaremos mostrar nesta parte do trabalho é que Vicente não é igual a Cosme Paulino, porque não o quer e porque não conseguiria ser, eles vivem em outra realidade. Vicente está inscrito em outro círculo de relações que muda as suas atitudes, a convivência diária com as patroas liga-os em um círculo maternal, assim como a influência de Sabonete e Jeremias, e de Maria Camba, a prostituta.

Se anteriormente brincamos com a genética e com a física, aqui escolhemos usar como metáfora uma expressão matemática. O que entendemos com a leitura do romance é que Vicente representa o novo Moçambique enquanto Cosme Paulino é a imagem do Moçambique colonial. Enquanto o primeiro é ativo na relação com as patroas, se vestindo de médico, sentando ao sofá, recusando o açúcar e bebendo cerveja servida pelas próprias mãos da Senhora Grande, o segundo é inerte, obediente ao extremo, chega a morrer servindo uma patroa que deixara de mandar, pela distância, pela ausência de recursos e pela explosão dos movimentos da independência. Entendemos que Vicente seria idêntico ao pai se a situação de turbulência político-social não estivesse acontecendo exatamente no momento em que ele se descobre homem, Vicente é a soma do que era o pai Cosme e os movimentos da independência.



Baseamos esta nossa opinião em uma passagem específica do romance de João Paulo Borges Coelho. Em uma conversa entre Amélia, Caetana e Vicente (fantasiado de Dr. Valdez) surge como assunto o comportamento do criado, Amélia então afirma: “-O rapaz está na idade das descobertas. A minha irmã não percebe isso. Queria-o aqui só para ela, sempre disponível, sempre dizendo que sim e abanando a cabeça como o pai dele. Não percebe que os tempos são outros que Vicente jamais poderá ser igual ao pai.” Sá Caetana então rebate as afirmações da irmã: “-Que sabes tu dos novos tempos”, e Sá Amélia responde a Caetana: “-Sei o suficiente para reparar que o rapaz se vai escapar, o suficiente para sentir o brilho novo que ele traz no olhar. O que, sendo pouco, é mais do que aquilo que tu sabes” (COELHO, 2004, p.158).

Essa passagem é magnífica porque mostra exatamente o que estamos tentando disser. Assim como Amélia, acreditamos também que Vicente não pode ser igual ao pai e é justamente porque ele traz este *brilho nos olhos* que a patroinha cita. Beria não é o Mucojo, a primeira é a cidade da música (e assim que o autor nos apresenta a cidade), lugar ideal para que um garoto cresça e desenvolva vida própria. É em Beria que ele encontrara Sabonete e Jeremias, criados como seu pai, porém infinitamente diferente em relação ao ato e a obrigação de servir; é em Beria também que Vicente descobre o sexo com a prostituta Maria Camba.

O brilho nos olhos de que Amélia fala é a independência. Ironicamente a oposição entre pai e filho é tão grande, que enquanto um morre defendendo as terras das patroas durante as lutas de independência, o outro recebe os movimentos como uma nova possibilidade de vida. Na verdade, é Sabonete e Jeremias que mostram para Vicente que as mudanças ocorridas naquele mês de abril atingiria todos os moçambicanos. E aqui João Paulo Borges Coelho é mais uma vez sutil e genial, Vicente não pode ser Cosme Paulino, porém as prerrogativas de seu pai valem eternamente, o jovem criado precisa da ajuda dos amigos para compreender as mudanças. “Mas Vicente, filho de Cosme Paulino, tendo herdado dele a profissão e alguma timidez, matem-se calado. Não percebe como as coisas mudaram, não lhe ocorre a possibilidade de um maior protagonismo” (COELHO, 2004, p.207).

Há várias formas de apresentar um movimento de independência, em *As vistas do Dr. Valdez*, João Paulo Borges Coelho mostra exatamente na oposição entre as figuras do pai e do filho. Nosso assunto aqui são os dependentes, mas há várias formas de dependência. Como dissemos na introdução deste trabalho, há DEPENDENTES e dependentes, enquanto Cosme Paulino é exemplo do primeiro caso, Vicente é a imagem do segundo.



É fácil explicar o que estamos querendo dizer. Cosme Paulino é um dependente com letras maiúsculas, orgulho da patroa, exemplo para os outros criados (como no episódio do açúcar), criado ideal, servil até a morte. Vicente é diferente, impaciente com os serviços do lar, com as ordens de Sá Caetana e com a impossibilidade de suas ações. Insistimos neste ponto: Cosme é DEPENDENTE porque representa o Moçambique colonial; Vicente é dependente porque representa o Moçambique independente.

As mudanças de comportamento de Vicente acompanham a mudança de ritmo da sociedade em geral, e é óbvio que o novo criado não agrada a velha patroa. E mais uma vez João Paulo Borges Coelho é genial, os conflitos entre os movimentos de independência (a FRELIMO principalmente) e o governo português encontram reflexos no conflito entre Vicente e Caetana. Enquanto o primeiro representa o povo, negro e oprimido e a luta por melhorias, a segunda é o reflexo do Portugal retrogrado, que oprime, mesmo que veladamente, seus dependentes. Como na independência, a relação entre patroa e criado só poderia acabar em confusão. “Saudade do velho miúdo enviado pelo pai, ironia quando enfrentava o novo. E amargura. E desafio” (COELHO, 2004, p.165).

Mas como dissemos acima, o final deste conflito é diferente. O amor materno de Caetana, e o respeito de Vicente, superam as desavenças. A independência é inevitável, a morte de Cosme Paulino é o enterro do sistema antigo, Vicente é o novo Moçambique surgindo com força juvenil. Como nossa metáfora nesta parte do trabalho foi a matemática, o resultado da equação envolvendo a indignação da nova geração (Vicente), a luta do povo (FRELIMO) e o sistema ultrapassado (Cosme Paulino) só poderia acabar em independência.

Concluindo – o ORGULHO de servilidade.

Todo o texto construído acima foi baseado na nossa interpretação do romance de João Paulo Borges Coelho. Talvez se o autor tomasse contato com este trabalho afirmaria que tudo o que foi escrito é uma verdadeira besteira, que Cosme não representa nada disso, que Vicente não é a imagem do novo Moçambique, e que não há amor maternal entre Caetana e o criado. Insistimos no assunto: as interpretações são nossas, livres para errar e acertar.

Para concluir gostaríamos de tecer uma aproximação entre Cosme Paulino e um dependente importante dos romances machadianos, Raimundo. Em *Iaiá Garcia*, Machado de Assis nos apresenta Raimundo como um “quase” escravo de Luis Garcia, digo quase escravo



porque o preto já alforriado não consegue se desvencilhar de seu antigo dono, continua servindo-o sempre.

Pode parecer ao leitor estranha esta aproximação, mas acreditamos que Raimundo e Cosme Paulino têm as mesmas atitudes porque estão inseridos em um mesmo contexto: a dependência total. Raimundo foi premiado com a alforria, mas permanecia na casa de seu antigo senhor por espontânea vontade; Cosme Paulino continuava servindo a família de Ana Bessa mesmo quando as patroas não estão mais presentes para controlá-lo, é fiel até mesmo quando acaba o dinheiro das patroas.

A relação de dependência está intimamente ligada à relação de amor. Machado mostra que Raimundo amava Luis Garcia com se fosse seu filho, um sentimento de paternidade, de obrigação de criar. João Paulo Borges Coelho apresenta Cosme Paulino com uma devoção que só pode ser explicada se relacionarmos com um sentimento de paternidade também, ao perder Ana Bessa, Caetana e Amélia encontram em Cosme um pilar para se apoiar. Nos dois casos a diferença de idade não tem nada a ver com o sentimento, em *Iaiá Garcia* Raimundo é apenas nove anos mais velho que Luis Garcia; em *As vistas do Dr. Valdez* Cosme Paulino e Amélia são quase da mesma idade.

Raimundo não consegue viver fora do círculo de proteção de Luis Garcia, é tão dependente liberto como quando era escravo, a alforria não muda sua situação, ela não leva necessariamente a liberdade porque a liberdade é assustadora para o dependente. Cosme Paulino sente exatamente o mesmo, a morte de Ana Bessa e a fuga de Caetana e Amélia para Beria acompanhada de Vicente, poderia acabar com o vínculo de servidão de Cosme, afinal sua grande patroa havia falecido, as patroas menores fugido e estavam protegidas pelo seu filho mais velho. Mas o que acontece é o contrário, Cosme não quer sair daquele círculo, necessita de uma proteção que é agora apenas ilusória, não consegue viver livre. Quando Cosme entra na antiga Casa Grande e senta na antiga cadeira de balanço da patroa Ana Bessa, fica evidente seu desconforto. O enjôo e um certo espanto de constatar como era frágil a autoridade. Como uma encenação requerendo o empenho tanto dos que mandam como dos que são mandados. (...) acabou por desistir, fechando cuidadosamente a porta e retirando-se para a sua palhota, no canto do quintal. Cosme Paulino nunca chegou a desvendar o segredo, e portanto é natural que não o tenha transmitido ao seu filho Vicente (COELHO, 2004, p.155-156).

O que prende Raimundo a Luis Garcia, e Cosme Paulino as patroas, é “um sentimento nobre e perfeitamente regido pelo Humanismo: é o orgulho da servilidade” (ASSIS, 1975).



Machado de Assis, no sensacional *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cita a passagem acima como uma anedota saída da boca de Quincas Borbas, porém a frase faz muito sentido. Dos personagens machadianos, Raimundo é a mais perfeita representação do orgulho de servilidade, o ex-escravo serve o ex-dono, que “as relações domésticas tornara seu amigo” (ASSIS, 1966). E as atitudes de Cosme são facilmente relacionadas com este orgulho.

O orgulho de servir é a maior herança que Vicente traz do pai, o fantasma das palavras assustam o menino que não pode nem pensar em traí-las. Cosme “sempre de olhos no chão”, morre orgulhosamente servindo as patroas ausentes, “até a morte é um ato de servir” (COELHO, 2004, p.157). Cosme cuida de uma casa que nunca mais será habitada novamente pelas patroas, a casa que “agora é do povo”; cuida de um coqueiral que não dá mais coco; de uma plantação que é só mato. Cuida com orgulho de tudo isso, porque deve lealdade a Senhora Grande eternamente.

Brincamos com a genética, com a física e com a matemática, nesta conclusão tentamos uma aproximação com a literatura brasileira. Na verdade as metáforas são apenas para dar um corpo ao texto, para torná-lo menos chato e enfadonho. Cabe ao leitor agora tirar as suas próprias conclusões sobre os dependentes na obra de João Paulo Borges Coelho.

Bibliografia:

- ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. São Paulo: Saraiva, 1966.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1975.
- COELHO, João Paulo Borges. *As visitas do Dr. Valdez*. Maputo: Ndjira, 2004.
- KHAN, Sheila. Narrativas, rostos e manifestações do pós-colonialismo moçambicano nos romances de João Paulo Borges Coelho. *Revista Gragoatá*, Niterói: Instituto de Letras da UFF, n. 24, p. 131-144, 2008.